



ANDRÉ BUSTAROE

# Ataque a calhar

*Mortes na fronteira com a Colômbia podem trazer um novo alento ao projeto Calha Norte*

JOSÉ REZENDE JR.

Desde meados da década de 80, os militares brasileiros tentam consolidar sua presença nos 6.500 quilômetros da fronteira norte do País, amparados pelo ambicioso projeto "Calha Norte", que, no entanto, adentrou os anos 90 com sérios problemas de caixa e contabilizando a esquálida presença na área de menos de 500 homens, divididos em 13 pelotões. Agora, os investimentos no Calha Norte devem aumentar substancialmente: dez cadáveres estirados no meio da selva surgiram como um grande argumento para sensibilizar o governo federal. Três desses cadáveres foram produzidos no dia 26 de fevereiro, por um desconcertante ataque de 40 colombianos a uma guarnição brasileira estacionada às margens do rio Traira, na fronteira com a Colômbia, que deixou ainda nove soldados feridos. Uma semana depois, na última terça-feira,

5, uma patrulha do 1º Batalhão Especial de Fronteira do Solimões matou sete colombianos, que se transformaram, assim, nas primeiras vítimas fatais do Exército brasileiro desde os três operários mortos em 88, em Volta Redonda.

**N**a quarta-feira, 6, o líder do PMDB no Senado, Humberto Lucena, anunciou que convocaria o ministro do Exército, general Carlos Tinoco, para explicar o que realmente se passava na fronteira do Brasil com a Colômbia. Lucena queria saber, por exemplo, se o Exército brasileiro brigava com guerrilheiros ligados às Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), como afirma o ministro, ou com garimpeiros colombianos, uma possibilidade que o próprio comandante militar da Amazônia, general Antenor de Santa Cruz Abreu, prefe-

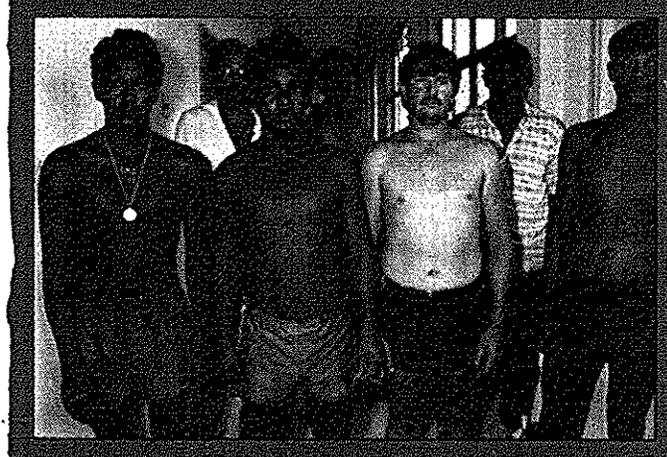
ria não descartar.

Apesar de alertado desde o final do ano passado pelo próprio presidente do Conselho da União dos Sindicatos de Garimpeiros da Amazônia Legal (Usagal), José Altino Machado, sobre a presença maciça de garimpeiros colombianos fortemente armados na região, o Exército mantinha apenas 17 homens na guarnição do rio Traira, abrigados, de forma improvisada, no antigo acampamento abandonado pela companhia mineradora Paranapanema. No momento do ataque, que durou cerca de dez minutos, apenas três soldados brasileiros, justamente os que acabaram mortos, estavam armados.

Os outros militares brasileiros, juntamente com dois garimpeiros colombianos presos por entrarem irregularmente no País, almoçavam arroz de carreteiro, feijão e salsi-

### Reação feroz

Militares sepultam em covas rasas os três sentinelas emboscados em Tabatinga pelos colombianos (à esq.) e adentram a selva dispostos a capturá-los (à dir. no alto). Conseguem mais do que isso, longe da presença de testemunhas. Fora, os sete mortos não exibidos, capturam quatro "guerrilheiros"



ANDRÉ DUSEK/VAE

cha picada no alojamento apelidado de "Cassino", enquanto suas armas repousavam em outro barracão mais afastado. Depois do massacre, sem que os soldados brasileiros disparassem uma única bala sequer, os colombianos levaram 17 fuzis FAL, mantimentos, munição e o aparelho de rádio com o qual, segundo ordens expressas do comando, a guarnição deveria comunicar-se com Tabatinga duas vezes por dia. Na terça-feira, 26, dia do ataque, houve apenas o comunicado da manhã. No dia seguinte, o rádio continuou mudo mas, conforme explicaria mais tarde o comandante do 1º Batalhão Especial de Fronteira, coronel Evandro Augusto Pamplona Vaz, "nós achamos que era problema com as ondas radiofônicas, comum na Amazônia".

No final da quarta-feira, 27, o coronel Pamplona começou a desconfiar que havia alguma coisa no ar além da simples dificuldade de propagação das ondas radiofônicas. Mas, como a tropa que deveria render os homens de Traira já estava a caminho, resolveu esperar. A nova tropa, que deveria estar no local na quinta-feira, 28, só chegou no dia seguinte, quando os mortos já estavam se decompondo e os feridos completavam três dias sem atendimento médico.

Ferido na carne e nos bríos, o Exército brasileiro tratou de enviar 47 homens do Batalhão Especial de Fronteira para o destacamento atacado, enquanto tropas colombianas também eram despachadas para a região. Assim, ao mesmo tempo em que os soldados da coalizão internacional que varreu do mapa a temida máquina de guerra de Saddam Hussein começavam a voltar para casa, Brasil e Colômbia tratavam de desfechar uma espécie de operação "tempestade na selva", que teria sua ação mais espetacular no início da noite da última terça-feira, 5, quando uma patrulha brasileira abriu fogo contra cerca de 15 colombianos, na margem do mesmo rio Traira. No dia seguinte, o comando do Batalhão Especial de Fronteira anunciava que três "guerrilheiros" colombianos haviam sido mortos. Na quinta-feira, 7, porém, o Exército descobriu

que eram despachadas para a região. Assim, ao mesmo tempo em que os soldados da coalizão internacional que varreu do mapa a temida máquina de guerra de Saddam Hussein começavam a voltar para casa, Brasil e Colômbia tratavam de desfechar uma espécie de operação "tempestade na selva", que teria sua ação mais espetacular no início da noite da última terça-feira, 5, quando uma patrulha brasileira abriu fogo contra cerca de 15 colombianos, na margem do mesmo rio Traira. No dia seguinte, o comando do Batalhão Especial de Fronteira anunciava que três "guerrilheiros" colombianos haviam sido mortos. Na quinta-feira, 7, porém, o Exército descobriu

no meio da selva mais quatro cadáveres colombianos produzidos pelo mesmo confronto. Com os colombianos mortos, a patrulha encontrou um dos 17 fuzis roubados do destacamento brasileiro atacado no dia 26 de fevereiro, além de quatro espingardas de repetição normalmente usadas por garimpeiros. Encontrou também três pares de botas de borracha de cano alto, tipo "sete léguas", que tradicionalmente calçam os pés dos homens do garimpo. Os corpos dos colombianos mortos foram enterrados no local, depois de terem as impressões digitais colhidas. Não houve choro nem vela. Em Bogotá, o presidente Cesar Gaviria Trujillo disse que a reação do Exército brasileiro foi justa. Nenhum jornalista viu os corpos e sequer pôde chegar perto da área do conflito, por ordem expressa do Exército. Os corpos dos colombianos mortos foram fotografados pelos próprios militares e os filmes revelados pelos fotógrafos de *O Globo* e da revista *Veja*, a pedido do coronel Pamplona.

**E**m seguida, os filmes foram imediatamente recolhidos, mas os fotógrafos encarregados da revelação estiveram, por alguns instantes, diante de pelo menos uma cena insólita estampada no negativo. Um dos mortos aparecia com a cabeça praticamente destrocada por uma série de tiros, mas empunhando firme e heroicamente um rifle do Exército brasileiro roubado no ataque do dia 26, como se o impacto fulminante das balas não fosse suficiente para fazê-lo largar a arma. Os mortos usavam botas do garimpo, mas o coronel Pamplona insiste em que eram guerrilheiros e justificou a censura imposta desenterrando do fundo do baú de jargões militares uma expressão de triste lembrança e que até hoje provoca arrepios no Cone Sul. "Esta é uma guerra suja. Vocês não têm outra saída e não se acreditar nas nossas informações", afirmou.

Também envolta num véu de sigilo militar foi a chegada a Tabatinga, na quinta-feira, 7, de quatro garimpeiros colombianos presos por outra patrulha do Exército brasileiro. Os soldados tentaram, inutilmente,

impedir que os fotógrafos registrassem a chegada dos garimpeiros, que vestiam apenas shorts, tinham as mãos amarradas com cordas e os rostos escondidos com capuzes improvisados com camisetas do Exército.

Mais tarde, com os rostos descobertos mas completamente mudos, os colombianos



biãos foram apresentados à imprensa pelo chefe do Estado-Maior do Comando Militar da Amazônia, general Thamaturgo Sotero Vaz, que revelou terem sido encontrados com os prisioneiros objetos pertencentes a soldados atacados pelos supostos guerrilheiros colombianos no dia 26, como uma boina e uma agenda. O mesmo Thamaturgo, no entanto, anunciou que os prisioneiros seriam entregues às autoridades colombianas por falta de indícios de envolvimento com os supostos guerrilheiros.

A desconfiança, aliás, é geral. O governador do Estado colombiano do Amazonas, Paulo Acosta, disse que nunca viu guerrilheiros na área. O chefe do Comando Unificado del Sur, contra-almirante Juan Gaetan, também não. Um jornalista colombiano especializado na cobertura da guerrilha, Nelson Aguillar, do jornal *El Tiempo*, acha que as ações dos supostos guerrilheiros do rio Traira não conferem com as dos guerrilheiros de carne e osso. Aguillar observa que as espingardas apreendidas com os sete colombianos mortos são rudimentares demais para perigosos guerrilheiros. Esses, por sua vez, jamais deixariam vivas testemunhas de suas ações, como teria acontecido no dia 26. Por fim, as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) têm por norma reivindicar a autoria de suas ações guerrilheiras.